

“Eloisa James é extraordinária.” – Lisa Kleypas

Eloisa James



A TORRE DO AMOR



Então ele a viu. Sua noiva... Sua futura esposa. Edie.



Ao atravessar o aposento, com os olhos grudados na sua prometida, o kilt roçou-lhe as pernas, lembrando a ele que outras partes de seu corpo enrijeciam enquanto caminhava. Era uma surpresa erótica que nunca havia experimentado até então, algo que nunca sonhara ser possível.

Como se estivesse consciente de que Gowan a observava, Edie se virou e seus olhares se cruzaram.

Como ele podia ter acreditado que ela era casta, tranquila, submissa? Os olhos dela brilhavam, a boca estremecia, exalando sensualidade. Era como se ele estivesse encontrando uma completa desconhecida.

O desejo o consumia. A boca de Edie se abriu ligeiramente e ele percebeu que também fora reconhecido.

Pensara nela como se fosse um gole de água pura. No entanto, naquele momento, encarando-a, ela era um rio turbulento, vívido e perigoso. Ela mudaria a vida dele.

Ela o mudaria por inteiro.

Capítulo 1



*2 de maio de 1824
Curzon Street, 20, Londres
Residência do conde de Gilchrist*

Sempre que possível, Gowan Stoughton de Craigievar, duque de Kinross, chefe do clã dos MacAulays, evitava ambientes lotados de ingleses. Eles só sabiam fazer mexericos e tinham mais cera no ouvido do que miolos na cabeça, como o pai teria dito.

Embora Shakespeare tivesse dito algo do tipo antes.

No entanto, lá estava ele, prestes a entrar em um salão de baile no coração de Londres, em vez de lançar o anzol em algum riacho das Terras Altas, como preferiria. Era um fato desagradável, mas inevitável da vida – ou, pelo menos, da vida dele: a pesca de uma esposa prevalecera sobre a pesca de salmão.

No momento em que seu nome foi anunciado, um grupo de moças virou em sua direção, cada rosto exibindo dentes reluzentes. Para Gowan, todas pareciam constipadas, embora aqueles sorrisos provavelmente fossem uma reação automática ao seu título. Ele era, afinal de contas, um nobre solteiro de posse de todos os membros. Também tinha cabelo, em mais quantidade do que a maioria dos ingleses. Isso sem falar de um castelo.

Os anfitriões, o conde de Gilchrist e a esposa, esperavam ao pé da escada para evitar que as jovens dessem o bote no mesmo instante. Gowan gostava de Gilchrist – ele era austero, mas justo, dono de um olhar melancólico, quase escocês. Os dois se interessavam por negócios, ao contrário da maior

parte dos cavalheiros, e o conde era um investidor excelente. Como Gowan era dirigente do Banco da Escócia e Gilchrist ocupava o mesmo posto no Banco da Inglaterra, eles se corresponderam bastante durante os dois anos anteriores, embora raramente tivessem se encontrado.

– Vossa Graça, eu poderia ter a honra de lhe apresentar minha condessa? – perguntou Gilchrist, conduzindo a dama para a sua frente.

Para a surpresa de Gowan, a condessa era visivelmente mais jovem do que o marido, talvez ainda se aproximando da casa dos 30 anos. E mais: tinha lábios carnudos e seios exuberantes, emoldurados por um corpete feito de seda rosa-clara. Parecia uma daquelas aristocratas que tentavam imitar os trajes e os modos de uma bailarina.

Gilchrist, por sua vez, lembrava um clérigo rigoroso. Não havia como ser uma combinação harmoniosa. Marido e mulher deveriam ter idades e interesses compatíveis.

A condessa ficou falando de Edith, sua enteada, por isso Gowan fez um meneio de cabeça e expressou seu prazer inenarrável diante da ideia de ser apresentado à jovem.

Edith. Que nome horrível.

Parecia o nome de uma mulher linguaruda. Uma desmiolada, uma orelhuda... *uma inglesa.*

Sem avisar, lady Gilchrist o tomou pelo braço para que ele pudesse acompanhá-la ao cômodo adjacente. Por pouco Gowan não deu um pulo. Na juventude, os criados costumavam orbitar à sua volta, ajustando-lhe a roupa, arrumando o colarinho, limpando sua boca. Desde que completara 14 anos, ele não se submetia mais àquelas intimidades, a não ser quando eram absolutamente requisitadas.

Como passava poucos momentos sozinho, Gowan preferiu erguer um muro entre ele e o mundo. Não lamentava a falta de privacidade. Achava que seria um desperdício de tempo vestir-se sem ouvir simultaneamente o relatório de seu secretário, por exemplo. E se havia algo que Gowan detestava era perder tempo.

O tempo se perdia sozinho, na sua opinião. Passava depressa demais, e de repente a pessoa caía dura, morta, e tudo o que ela vivera simplesmente desaparecia.

Seria tolice fingir que os momentos vividos eram infinitos e eternos, e era justamente isso que, para ele, as pessoas faziam quando se demo-

ravam na banheira. Ou quando ficavam horas sem realizar nada, apenas lendo poesia. Gowan estava acostumado a fazer o maior número possível de coisas ao mesmo tempo.

Na verdade, o baile era um bom exemplo disso: antes de viajar para encontrar um grupo de banqueiros em Brighton, no dia seguinte, ele quisera saber a opinião de Gilchrist sobre um problema espinhoso relacionado à emissão da nota de 1 libra. Gilchrist ia oferecer um baile que contaria com a presença de jovens damas. E Gowan sentia uma necessidade intensa – não desesperada, mas intensa – de encontrar uma esposa.

E lá estava ele: matando dois coelhos com uma cajadada só. Preferia matar três ou quatro, mas às vezes era obrigado a se contentar com pouco.

O único problema era que o lugar estava repleto de damas inglesas, e ele concluíra que não seria uma boa ideia se casar com nenhuma delas.

Era verdade que um nobre escocês sempre tinha bons motivos para se associar a uma das grandes casas da Inglaterra.

Mas também era verdade que uma garota inglesa era, necessariamente, *inglesa*.

Era uma raça indolente, todos sabiam. As damas passavam o tempo todo sem fazer nada além de sorver xícaras de chá e ler romances, enquanto as escocesas, por outro lado, não viam problema em cuidar de uma propriedade com mil ovelhas e ao mesmo tempo criar quatro filhos.

Sua avó trabalhava do alvorecer até o crepúsculo sem se queixar. A leitura, dizia ela, devia existir apenas para o aprimoramento da mente. A Bíblia e Shakespeare, além de alguns ensaios de Montaigne, se houvesse a necessidade de alguma leveza. A falecida noiva dele seguia o mesmo molde, o que fazia sentido, pois sua avó arranjara pessoalmente o casamento. A Srta. Rosaline Partridge morrera de uma febre contraída durante visitas aos pobres... A virtude, no caso dela, em nada lhe compensara.

Gowan considerava a diligência um dos principais requisitos para uma noiva (além dos óbvios: beleza, pureza e boa educação). A futura duquesa de Kinross não poderia perder tempo.

Lady Gilchrist o arrastara pelo salão de baile até um aposento menor. Depois de uma rápida análise, Gowan concluiu que, em matéria de riqueza e título, nenhum solteiro presente era páreo para ele. Aliás, era provável que houvesse apenas três outros no seu nível em toda Londres.

Assim, ele não precisava desperdiçar tempo cortejando uma dama depois de já ter feito sua escolha. O casamento era um mercado como outro qualquer. A partir do momento que encontrasse a mulher certa, ele simplesmente daria lances superiores aos de seus rivais.

A condessa levou-o para um canto do aposento e parou diante de uma moça que apresentou como sua enteada.

Foi o tipo de momento que separa o passado do presente e que transforma o futuro para sempre.

Lady Edith não se encaixava naquele abafado salão de baile inglês. Havia algo de etéreo nela, como se sonhasse em construir seu lar ao pé de uma colina habitada por fadas. Tinha os olhos verdes, profundos e escuros como um lago num dia de tempestade.

Era deliciosamente curvilínea e seus cabelos reluziam como pomos de ouro ao sol. Os fios estavam presos em cachos no alto da cabeça e tudo o que Gowan queria era desmanchar o penteado e fazer amor com ela em uma cama de flores.

Mas foram os olhos dela que o enfeitiçaram: encontraram os dele deixando transparecer um desinteresse cordial, uma paz sonhadora, sem qualquer sinal do entusiasmo febril com que ele estava acostumado a ser encarado por outras jovens solteiras.

Gowan não se considerava um homem propenso aos prazeres carnavais. Um duque não tinha o direito de sucumbir ao desejo.

Observara com perplexidade conhecidos seus caírem aos pés de mulheres com sorrisos atrevidos e traseiros arredondados. Sentira pena, assim como sentia do conde e de sua esposa exuberante.

No entanto, ao olhar para lady Edith, o amor e a poesia passaram a fazer sentido. Uma frase lhe veio à mente como se tivesse sido escrita para descrever aquele momento: *nunca vi verdadeira beleza até esta noite...*

Talvez Shakespeare servisse para alguma coisa, afinal.

Os lábios rosados de lady Edith se curvaram para cima num sorriso. Ela fez uma profunda reverência, inclinando a cabeça.

– É um prazer conhecê-lo, Vossa Graça.

Para Gowan, foi como se a condessa tivesse deixado de existir. De fato, todos no cômodo de repente desapareceram.

– O prazer é todo meu – disse ele, pronunciando cada palavra com sinceridade. – Me daria a honra de acompanhá-la nesta dança?

Ele estendeu a mão.

Seu gesto não foi recebido com agitação ansiosa, e sim com uma postura que o atraiu tanto quanto a ansiedade o repeliria. Desejava apenas que aqueles olhos serenos se iluminassem para *ele*; queria encontrar admiração e até mesmo adoração naquele olhar.

Ela voltou a menear a cabeça e tomou a mão dele. Gowan sentiu a pele arder sob as luvas, como se tivesse aquecido uma parte de si que até então permanecera fria. Seu impulso era não de se afastar, mas sim de trazê-la mais para perto.

No salão de baile, nos braços dele, Edith dançou tão graciosamente quanto uma onda no mar. E ficou em silêncio.

A dança os unia e os separava o tempo todo. Já estavam quase no fim quando Gowan percebeu que não haviam trocado uma palavra. Não se lembrava de nenhuma mulher que tivesse ficado assim tão silenciosa em sua presença. Entretanto, ela parecia não sentir necessidade – nem vontade – de falar com ele. Ao mesmo tempo, aquele estava sendo o silêncio mais confortável de sua vida.

Tinha consciência de que havia se surpreendido profundamente.

Eles se viraram e começaram a atravessar o cômodo mais uma vez. Gowan tentou pensar em algo para dizer, mas nada lhe ocorreu. Dominava a arte da conversação educada. Todo um salão cheio de gente desestabilizada por sua nobre presença podia ficar à vontade com algumas palavras bem escolhidas.

Mas, na sua experiência, as jovens não precisavam ser estimuladas a falar. Em geral, sorriam febris, enviando pelos olhos mensagens cintilantes, enquanto transbordavam bobagens de seus lábios.

Gowan não era tolo. Reconhecia que a vida lhe entregara um fato consumado. Tudo em Edith era requintado: o silêncio tranquilo, a serenidade, o rosto encantador, o jeito de dançar como se os pés mal tocassem o chão.

Ela daria uma perfeita duquesa de Kinross. Ele já conseguia imaginar os retratos que encomendaria – um da duquesa sozinha e, mais tarde, outro com os quatro ou cinco novos membros da família – permitiria que ela decidisse quantos filhos queria ter – para pendurar acima da lareira no grande salão.

A dança acabou e soaram os acordes de uma valsa.

Lady Edith fez uma saudação.

– Poderia dançar comigo outra vez? – perguntou ele, as palavras saindo aos borbotões, sem os tons comedidos habituais.

Ela o encarou e falou pela primeira vez desde que começaram a dançar:

– Temo que esta dança esteja prometida a lorde Beckwith...

– Não – declarou Gowan, embora nunca tivesse sido tão pouco educado na vida.

– Não? – ecoou Edith, os olhos se arregalando ligeiramente.

– Dance comigo.

Ele estendeu a mão. Edith hesitou por um instante e, mais uma vez, lhe deu a sua. Com cuidado, como se estivesse tranquilizando um passarinho, Gowan pousou a outra mão na cintura dela.

Quem diria que eram verdadeiras todas aquelas bobagens românticas sobre o ardor que provoca o toque da pessoa amada?

Enquanto dançavam, Gowan teve a vaga consciência de que estavam sendo observados por todos os presentes. O duque de Kinross bailava pela segunda vez consecutiva com a filha de Gilchrist. A notícia se espalharia por toda a cidade na manhã seguinte.

Ele não se importava. O coração batia com força, no ritmo da música, enquanto ele a examinava com atenção, traço a traço. Era absolutamente deliciosa. Os lábios faziam uma curva natural, como se ela estivesse escondendo um beijo ou um sorriso, algo que nunca entregara antes a ninguém.

Os pés dela e os dele se movimentavam em perfeita harmonia com a música. Gowan nunca havia dançado tão bem. Os dois rodopiavam pelo salão como se fossem centelhas escapulindo de uma fogueira, sem pronunciar uma palavra.

Ocorreu a ele que palavras eram desnecessárias. Eles se comunicavam por meio da dança.

Outro pensamento lhe ocorreu: nunca havia percebido quanto era solitário. Até aquele momento.

Quando os últimos acordes da valsa silenciaram, ele cumprimentou sua parceira, endireitou-se e encontrou lorde Beck bem ali, à espera.

– Duque – disse Beck com perceptível frieza na voz. – Acredito que confundiu minha dança com a sua.

O lorde ofereceu o cotovelo a lady Edith com a expressão de um homem injustiçado.

Ela virou-se para Gowan com um sorriso educado de despedida e deu o braço a Beck.

Gowan ardeu de impaciência. Era escocês: não engolia regras de bom comportamento, não entre um homem e uma mulher. Queria mostrar a Edith o que sentia, arrastá-la para trás de uma coluna, envolvê-la em seus braços e beijá-la.

Só que Edith não era sua... *ainda*. Até que isso se tornasse realidade, ele teria que seguir as regras. Observou sua futura esposa dirigir-se para a dança seguinte de braço dado com o visconde.

Gowan era mais rico do que Beckwith. E mais atraente também. A menos que Edith preferisse homens magros como um graveto. Ele não poderia confirmar se ela o olhara com desejo.

Naturalmente, ninguém desejaria uma esposa libidinosa. Seu avô conhecera a avó em um jantar formal e soubera no mesmo instante que aquela seria a futura duquesa, apesar de ela ter apenas 15 anos na época e ser muito tímida para a idade. Ninguém desejaria que uma futura duquesa ou mesmo uma duquesa que já ocupasse esse posto demonstrasse atração por desconhecidos.

Gowan decidiu que voltaria na manhã seguinte para fazer uma visita. Era parte dos rituais de cortejo na Inglaterra: visitar a casa da mulher escolhida três ou quatro vezes, levá-la para um passeio de charrete e depois pedir sua mão ao pai.

Assim que tinha tudo planejado, Gowan procurou o conde e abordou o assunto das notas de 1 libra. Concluído o trabalho, disse:

– Amanhã, antes de seguir para Brighton a fim de discutir nossas conclusões com o Banco de Pomfrey, farei uma visita à sua filha.

Viu aprovação nos olhos do conde. Era óbvio que o sujeito o convidara para o baile por razões que não tinham nenhuma relação com o fato de o governo reembolsar notas bancárias com moedas de ouro.

Gowan não dançou com mais ninguém naquela noite. Não sentiu vontade e não queria ficar sentado do outro lado do aposento observando Edith dançar com outros homens. Aquela simples ideia o fazia cerrar as mandíbulas.

O ciúme era a ruína de seus conterrâneos. Era o lado sombrio da sua maior virtude: a lealdade. Um escocês é leal até a morte. Ao contrário dos inconstantes maridos ingleses, um escocês nunca deixaria que sua escolhida procurasse conforto em outras camas.

Mesmo assim, Gowan sabia muito bem que era um desgraçado possessivo que colocava a lealdade acima de tudo. Parecia que seria devorado vivo toda vez que Edith passasse de um parceiro para outro antes que lhe desse um anel informando ao mundo que ela lhe pertencia.

Por outro lado, deixar uma marca em seu coração lhe parecia uma opção ainda melhor.

Seria perda de tempo ficar por ali fazendo cara feia para os pretendentes de Edith, e Gowan, como se sabe, não perdia tempo. Em vez disso, foi para casa e escreveu uma mensagem para seu advogado londrino, Jelves. Informou que pretendia se casar em breve e solicitou que preparasse uma proposta de acordo matrimonial a ser entregue em sua casa na primeira hora da manhã.

A tarefa provavelmente obrigaria o homem a virar a noite. Gowan fez uma anotação mental para lhe dar um bônus.

Acordou ao alvorecer e passou horas trabalhando. Uma noite de sono não havia alterado seus planos em relação a lady Edith – não que ele se lembrasse de já ter alguma vez mudado de ideia sobre algo importante depois de já ter tomado a decisão. Quando Jelves chegou, parecendo esgotado, Gowan dedicou uma hora às questões relativas ao acordo matrimonial. Junto com o advogado, esboçou os termos de um documento que Jelves, um tanto nervoso, observou que talvez fosse excessivamente generoso.

– Lady Edith será a duquesa – informou Gowan, notando que os olhos do advogado ficaram glaciais. – Ela será minha cara-metade. Por que eu deveria criar restrições para ela herdar minha fortuna quando eu morrer ou para que possa desfrutar dela durante minha vida? Nós, os escoceses, não tratamos as mulheres com desrespeito, como acontece no seu país. Mesmo se tivermos apenas uma filha, essa única filha herdará a maior parte dos meus bens.

Gowan devia estar quase rosnando, porque Jelves engoliu em seco e assentiu.

A essa altura, Gowan estava atrasado. Maldição. Em duas horas, no máximo, precisava pegar a estrada que saía de Londres, pois uma mesa cheia de banqueiros esperava por ele em Brighton. Instruiu sua comitiva a seguir em uma segunda carruagem e determinou ao seu cocheiro que voltasse à casa de Gilchrist, na Curzon Street.

O mordomo de Gilchrist tomou-lhe a capa, informou-lhe que a condessa e lady Edith o receberiam em breve e abriu a porta de um salão grande e gracioso que, naquele momento, mais parecia um clube de cavalheiros.

Havia homens por toda parte, portando buquês de flores, dando risadas. Por mais incrível que pudesse parecer, um discreto jogo de cartas se desenrolava em um canto. Reconheceu apenas a metade dos presentes. Lá estava Beckwith, enfiado em um casaco laranja com botões chamativos. Lorde Pimrose-Finsbury também se encontrava no recinto. Pimrose-Finsbury contava apenas com um título vitalício, mas era dono de boa parte de Marylebone. Segurava um delicado ramalhete de violetas. Gowan sentiu uma pontada de aflição. Não passara pela sua cabeça mandar alguém a Covent Garden para providenciar flores ou algo do gênero.

– Se puder se juntar aos visitantes da manhã, Vossa Graça. Em breve servirei bebidas para todos.

Em vez disso, Gowan deu meia-volta e caminhou em direção à entrada.

– Vossa Graça prefere deixar o seu cartão? – perguntou o mordomo, seguindo-o.

– Prefiro falar com lorde Gilchrist. Quando foi a apresentação de lady Edith à sociedade? – indagou, sem rodeios.

A sobancelha do mordomo estremeceu, mas ele não perdeu o controle.

– Ontem à noite – respondeu.

Gowan não fora o único homem a olhar Edith e imaginá-la ao seu lado.

Mas naquele momento ele sabia exatamente por que Gilchrist o convidara para o baile. O convite incluía a mão da sua filha como presente. Não haveria competição se ele escolhesse aceitar a oferta silenciosa do conde.

– Gostaria de falar com lorde Gilchrist, se ele estiver disponível.

Não foi uma pergunta. Gowan nunca fazia perguntas. Fazia afirmações. Não importava, porque sempre conseguia o que queria. E havia algo muito pouco digno no ato de *pedir*.

Para ele, os duques não faziam pedidos.

Faziam afirmações.

E tinha o pressentimento de que não haveria um *pedido* em relação à mão de lady Edith.

Capítulo 2



Foi uma febre que transformou lady Edith Gilchrist no maior sucesso da temporada e rendeu a ela a mão (e possivelmente o coração) do duque de Kinross. Se Edie não estivesse tão doente no próprio baile de debutante, era provável que não tivesse se tornado tão popular. Como sentia a cabeça oca como uma cabaça, tudo o que conseguia fazer era deslizar pelo salão e sorrir. E sorrir.

Foi a fórmula certa para alcançar um sucesso extraordinário.

Na metade da noite, ela já havia dançado com todos os solteiros disponíveis, e duas vezes com o duque de Kinross, com lorde Beckwith e com lorde Mendelson.

Em determinado momento, Layla, sua madrasta, a pegou pelo braço e lhe contou que lady Jersey declarara que ela era a debutante mais encantadora da temporada. Aparentemente, a rainha das damas do Clube Almack – que definia o que era ou não elegante – havia ignorado que, aos 19 anos, Edie era deselegantemente velha.

A jovem apenas sorria. Tentava manter o equilíbrio.

Quando apareceu na biblioteca do pai no dia seguinte, no final da manhã, com o rosto tão pálido quanto seu vestido branco, as negociações acerca de seu futuro matrimonial já haviam sido concluídas.

Ela manteve os olhos baixos (para esconder o fato de que estavam vermelhos), sorriu quando lhe dirigiram a palavra e disse apenas “Sim, papai” e “Ficarei honrada em me casar com Vossa Graça”.

– A verdade, Edie – declarou a madrastra cinco minutos depois da partida de Kinross, ao conduzir a jovem de volta ao seu quarto –, é que sua febre foi um presente de fada-madrinha. Quem poderia pensar que você fisgaria um duque?

O duque em questão era escocês – um ponto contra –, mas, de acordo com Layla, como Kinross era dono da mais grandiosa propriedade de toda a Escócia, ele poderia ser considerado um inglês honorário e o mais desejável partido no mercado matrimonial.

Edie apenas gemeu e desabou na cama, enfiando o rosto no travesseiro. A cabeça latejava. Sentia-se fraca e, sinceramente, não se lembrava muito bem da aparência de seu noivo. Ele tinha uma bela voz, mas era alto demais, pensou ela. Grande. Pelo menos não era ruivo. Não gostava de ruivos.

– Isso não foi muito gentil – comentou Edith, afundada no travesseiro.

– Você sabe o que quero dizer. Parecia tão bela e pálida... Foi muito encantadora a forma como Mary trançou pérolas em todo o seu cabelo. E você apenas sorriu, em vez de conversar. Isso a tornou muito atraente. Pelo menos para os homens.

– Não acha que ele foi um tanto impulsivo? – balbuciou Edie.

Layla abriu as cortinas e a janela. Edie adorava o seu quarto, grande e arejado, com um parapeito que dava para o jardim nos fundos da casa. No entanto, ela odiava quando Layla se empoleirava ali para fumar cigarrilhas.

– Não fume isso aqui – disse ela depressa. – Odeio o cheiro e estou *doente!*

Mesmo com a cabeça mergulhada no travesseiro, Edie sabia perfeitamente que Layla não lhe dava atenção. Ouviu a madrastra se ajeitar no seu lugar preferido e acender o cilindro de tabaco na vela, para soltar baforadas na direção do jardim. Layla achava que aquilo era o suficiente para manter a fumaça fora do quarto, mas não era.

– Vou vomitar – reclamou Edie, acomodando o rosto em uma parte da fronha que estava mais fresca.

– Não, não vai. Você está com febre, não com problemas de estômago. Edie desistiu.

– Meu futuro marido ou é impulsivo ou é estúpido. Nós nos vimos apenas ontem à noite e mal me lembro da aparência dele.

– Não é impulsivo. É másculo. Determinado – retrucou Layla.

– Idiota.

– Você é linda, Edie. Você sabe disso. Pelo amor de Deus, toda a *aristocracia* londrina sabe disso. É provável que ele tenha ouvido falar de você muito antes de ontem à noite. Todos andam comentando sobre a Encantadora Edith, que por fim fez sua apresentação à sociedade.

– Não se esqueça do Delicioso Dote – disse Edie, revirando os olhos. – É mais importante do que o formato do meu nariz.

– Ele não precisa do seu dote. Você não tem a mínima ideia de quantas jovens tentaram se jogar em cima do duque. Ele era noivo de uma jovem de família escocesa. Tinha um sobrenome que lembrava o nome de alguma ave, não lembro qual. A moça morreu há um ano e ninguém mais conseguiu chamar a atenção dele. Claro, ele ficou de luto por meses.

– Que triste. Talvez ele ainda esteja com o coração partido.

– Pelo que ouvi, estavam prometidos desde o berço, ou algo assim, e ninguém, nem o duque, a conhecia muito bem.

– Ainda acho triste.

– Não seja tão sentimental, Edie. O duque obviamente superou a perda, pois entrou no salão, dançou com você e se apaixonou. – Layla fez uma pausa, quase certamente para soltar um anel de fumaça pela janela. – É bastante romântico, não acha?

– O duque chegou a dizer que se apaixonou? Porque não foi exatamente o que pareceu. Mas minha visão estava tão turva que eu não posso ter certeza.

– Estava escrito no rosto dele.

– Melhor assim, pois ficamos em silêncio absoluto ao dançar na noite passada. – Na cama, Edie se arrastou por alguns centímetros, para esfriar o rosto em outro pedaço do lençol. – Não fique sacudindo essa cigarrilha por aí. A fumaça está entrando no quarto.

– Desculpe.

Houve um momento de silêncio, quando Edie ficou considerando se seria pior morrer de gripe ou se casar com um homem cujo rosto não havia visto com clareza.

– Como ele é? – perguntou ela. – Poderia tocar a campainha para chamar Mary? Minha cabeça está latejando.

– Farei uma compressa fria.

– Não, não saia da janela até terminar isso aí.

– Então como poderei tocar a campainha para chamar Mary?

Mesmo com o rosto enfiado no travesseiro, Edie sabia que Layla permanecia em seu lugar, na janela.

– Você é desprovida de instintos maternos básicos – queixou-se.

– É verdade – concordou Layla, seca. – Melhor assim, levando-se em consideração as circunstâncias.

Depois da morte da mãe de Edie, lorde Gilchrist ficara sem esposa durante um bom tempo – até, aos 36 anos, ficar perdidamente apaixonado por Layla. Edie não simpatizara muito com a madrasta, que tinha um ar sedutor que a menina não conseguiu apreciar aos 13 anos. Na verdade, Edie ficou um tanto revoltada com o fato de o pai se casar com uma jovem de apenas 20 anos, com lábios carmim e belas formas que evidenciavam sua sensualidade.

Alguns anos depois, porém, ela encontrou Layla aos prantos. Descobriu dessa forma como era doloroso ser incapaz de dar um herdeiro a um homem. Com o passar do tempo, tornaram-se grandes amigas. Infelizmente, não foi gerada nenhuma criança. Nos últimos tempos, Layla começara a fumar e desenvolvera um comportamento um tanto imprudente.

– Eu não deveria ter dito isso. Peço desculpas – murmurou Edie.

– Está tudo bem. Provavelmente eu teria sido mesmo uma péssima mãe.

– Não, não seria. Você é engraçada e doce, e se largasse essa cigarrilha e me fizesse uma compressa fria, eu a amaria para sempre.

Layla suspirou.

– Apagou? – perguntou Edie.

– Apaguei. – E então Edie sentiu dedos tocando seu ombro. – Precisa se virar para que eu aplique a compressa.

Edie obedeceu.

– Você também estava maravilhosa ontem à noite, Layla.

Edie estreitou os olhos para ver a madrasta.

Layla vivia fazendo regimes para emagrecer, mas Edie achava que suas formas exuberantes já eram perfeitas.

A madrasta sorriu.

– Obrigada, querida. Quer que eu chame Mary para que ela a ajude a trocar de roupa e se deitar?

– Não. Estou muito cansada.

Desprovida de instinto maternal, ela não insistiu. Layla sendo Layla. Apenas pôs o pano úmido na testa de Edie e atravessou o aposento.

– Vai acender mais um?

– Não, não vou. Vou me sentar diante da lareira, como uma boa madras-ta. Talvez eu aprenda a fazer tricô para ser mais realista. Não estou certa se seu futuro marido apreciará minhas qualidades mais excêntricas. Devo desenvolver comportamentos mais respeitáveis para ter permissão de visitá-la.

– Por que está dizendo isso? Ele é um desses cavalheiros completamente formais?

– Não o conheço melhor do que você.

– Mas pelo menos conseguiu vê-lo com clareza e não estava com febre.

– Talvez seja um pouquinho formal – disse Layla. – Nada com que você já não esteja acostumada, levando em conta seu pai.

Algumas gotas escorreram pelo pescoço de Edie. Ela estava tão quente que a sensação foi até agradável.

– Tinha esperanças de não me casar com alguém parecido com papai.

– Seu pai não é tão ruim.

– Ele é ruim, sim. Fica fora de casa o tempo todo e raramente leva você para passear. Sei que é diferente quando estão sozinhos, mas tudo que ele faz no jantar é me dirigir lições de moral. O que é muito injusto, pois nunca dei motivo para isso. Deveria ser mais grato. Na última vez em que estive com a sua mãe, ela me contou tudo sobre Juliet Fallesbury, que fugiu com um laçao.

Layla soltou uma risada maldosa.

– Mamãe adora essa história porque o apelido do sujeito era Companheiro. Sabe, Edie, seria bom se você se rebelasse um pouco. Não é natural concordar alegremente em se casar com um completo desconhecido.

– Não estou alegre – ressaltou Edie.

– Mas também não está contrariada. Não quero que você deixe seu marido fazer as coisas do jeito dele o tempo inteiro e que ele se transforme em um ditador.

Havia algo no tom de voz de Layla que fez soar um alarme na cabeça de Edie, mas ela estava se sentindo mal demais para entender qual seria o problema, além dos hábitos ditatoriais de seu pai.

– Talvez eu pudesse fugir, me disfarçar de homem e entrar para uma orquestra. Imagine, Layla. Algumas pessoas não fazem nada além de tocar música o dia inteiro. E, à noite, tocam mais, só que para uma plateia.

Algumas notas do prelúdio da *Suíte Nº 1 em Sol Maior* para violoncelo, de Bach, passaram pela cabeça de Edie. A febre fez o arpejo cintilar sobre sua cabeça como se a música flutuasse como óleo sobre água.

– O que estou dizendo é que você deveria ser mais assertiva, Edie. Não é fácil viver com um homem.

– Papai nunca me recusou nada que eu realmente quisesse.

– É verdade, até permitiu que você ficasse em casa e tocasse violoncelo até bem depois da idade em que deveria ter feito sua apresentação à sociedade.

As notas voltaram a se esgueirar na mente de Edie, seduzindo-a a pensar nos acordes do prelúdio de Bach. Deveriam ser fáceis, como um exercício básico, entretanto, de algum modo...

A voz da madrastra se sobrepôs a seus pensamentos:

– O fato é que seu pai está apavorado com a ideia de deixá-la partir. Quem tocará duetos com ele? Com quem ele vai conversar sobre música? Tenha pena de mim, por favor. Não tenho o menor interesse em discorrer sobre violoncelo. Não me importo de ouvir, mas acho o assunto entediante. Ainda assim, estou prestes a encarar uma vida inteira de lenga-lengas sobre arcos e afinação.

– O violoncelo é a única coisa que eu e papai temos em comum. Não consigo me lembrar de ter falado com ele sobre qualquer outro assunto. E agora vou me casar com alguém como ele, mas que provavelmente não entende nada de música?

De fato, se não estivesse tão doente, Edie sentiria uma justa indignação. Mas já estava com tanta pena de si mesma que não sobrava espaço para resmungar sobre o casamento com um filisteu.

– Meus olhos parecem ovos cozidos – acrescentou.

– Sinto muito, querida. Quer que eu chame o médico?

– Não. Ele vai me receitar láudano, o que não vai ajudar. Não é possível curar febres com narcóticos.

– Gosto de láudano – disse Layla. – Só tomei uma vez, mas nunca esqueci como fez me sentir leve e livre, como se não precisasse me preocupar com nada no mundo.

– Preciso me assegurar de que ninguém lhe dê, então. Você provavelmente desenvolveria um vício, como aconteceu com a Sra. Fitzhugh. O *Bell's Messenger* afirmou que ela desabou no meio do salão de baile outro dia, e que o marido precisou carregá-la.

– Uma boa razão para evitá-lo. Não estou completamente convencida de que seu pai conseguiria me erguer do chão sem tropeçar.

– Você se importa de molhar o pano mais um pouco?

Layla obedeceu enquanto Edie pensava no iminente matrimônio.

– Por acaso Kinross explicou por que fez uma proposta tão precipitada?

– Foi porque ele se apaixonou por você – respondeu Layla, de imediato, aplicando a compressa sobre a testa de Edie. – Olhou uma vez para as suas tranças douradas, sem falar no resto, tão atraente, e decidiu se livrar da concorrência.

Havia algo de estranho na voz da madrastra...

– A verdade, Layla.

– E, pelo que entendi, ele tinha coisas importantes a resolver. Partiu para Brighton assim que falou com o seu pai.

– Coisas a resolver – repetiu Edie. – Que tipo de coisa?

– Problemas com a nota de 1 libra. Não pense demais no assunto, querida – aconselhou Layla.

Edie ouviu quando a madrastra abriu a caixinha de metal onde guardava as cigarrilhas.

– O que ele falou exatamente?

– Ah, por favor, vamos conversar sobre algo mais interessante! Kinross é dono de uma das maiores propriedades da Escócia. Você nem imagina, Edie. Chegou com duas carruagens, oito lacaios, todos uniformizados. Vi pela janela. Acredito que você vai viver como uma rainha. Seu pai me contou que ele mora em um *castelo*.

– Um castelo? – Edie assimilou a informação. – E ele nem se deu ao trabalho de me levar para um passeio antes de me transformar na castelã? Poderia esperar até que fizessemos uma refeição juntos. E se eu tomasse sopa ruidosamente ou chupasse os ossos da galinha? Será que ele tem filhos ilegítimos esperando em casa?

– Duvido. E o que é mais importante: como os pais dele já faleceram, você não terá que lidar com uma sogra escocesa feroz.

– Então o que poderia ser mais importante do que cortejar sua futura esposa?

– Você precisa pensar como um homem, Edie.

– Faça o papel do homem e me ensine.

Layla adotou um tom de voz mais grave e disse:

– Sou o solteiro mais cobiçado no mercado matrimonial. Depois de selecionar a consorte apropriada, deverei informar ao pai da jovem sobre sua boa sorte.

– Não é inteiramente ilógico.

– Seu pai gosta muito do duque.

– Isso não quer dizer nada. Acha que Kinross vai se dignar a voltar a Londres antes do casamento?

– De Brighton, ele seguirá para o casamento do conde de Chatteris. Vamos nos encontrar com ele nessa ocasião.

Eddie grunhiu.

– Com uma das garotas Smythe-Smith, não é?

– Honoria. Ela é bem bonita. Sei que você não a acha uma boa instrumentista...

– Não há o que *discutir*. É terrível.

– Pode ser, mas ela também é extremamente gentil.

– Não gosto de me hospedar na casa dos outros. Nunca encontro tempo para praticar.

– Seu pai espera que você se comporte como uma verdadeira dama agora que teve o seu *début*, Eddie. Isso quer dizer que vai estudar muito pouco quando não estiver em casa.

Eddie grunhiu. Não tinha conseguido tocar violoncelo na véspera, por causa da febre, sem falar nos preparativos para o baile. Raramente praticava menos do que cinco horas por dia e não tinha intenção de alterar seus hábitos.

– E se o meu casamento acabar como o seu?

– Não há nada de errado com o meu casamento – comentou Layla.

Eddie ouviu a madrasta soltar círculos de fumaça pela janela.

– Vocês dormem em quartos separados.

– Todo mundo na alta sociedade dorme em quartos separados.

– Vocês não dormiam em quartos separados logo depois de se casarem

– insistiu Eddie. – Vi papai beijando-a muitas vezes e também vi quando ele a ergueu e a carregou sobre o ombro, subindo a escada quase correndo.

Um silêncio seguiu-se a esse comentário.

– Não deveria ter visto isso.

– Por que não? Eu fui um monstrinho com você, mas por dentro estava satisfeita por ver papai tão feliz. Quase esfuziante.

– Pois bem, o casamento é assim – começou Layla. – Esfuziante num momento e indiferente no seguinte.

– Não consigo imaginar Kinross esfuziante.

– Você imaginaria seu pai se comportando de modo efusivo se não tivesse visto com os próprios olhos?

– Não.

– Loucura temporária – disse Layla com tristeza. – Jonas recobrou a consciência e percebeu que sou uma tola, uma cabeça de vento. E isso é tudo.

– Você *não* é uma tola nem uma cabeça de vento!

– Ouvi essas palavras do próprio, ontem à noite.

– Papai falou isso?

Edie tirou o pano da testa e se apoiou nos travessieiros, olhando com dificuldade para Layla. A cabeça latejava, mas não havia como confundir a expressão triste no rosto da madrastra.

Layla apagou a cigarrilha e devolveu a piteira cor-de-rosa à latinha.

– Vou chamar Mary para que você possa tirar o espartilho e se deitar. Gostaria de tomar um banho frio?

– Sim – falou Edie. – Está mesmo infeliz, Layla?

– É só temporário – respondeu a outra, parando ao lado da cama. – Vou sentir sua falta e acabo ficando agitada com essa ideia. Deixe-me sentir sua temperatura.

– Agora que sou praticamente uma mulher casada, pode me contar aonde papai vai à noite? O que estou querendo saber é... ele tem uma amante?

– Não cheguei a perguntar. – Layla mordeu o lábio inferior e então falou:

– Não quero saber. Minha nossa, você está quente. Precisamos esfriá-la.

Ela estendeu o braço para puxar a sineta que convocava Mary.

Edie não conseguia se concentrar em nenhum assunto específico.

– Como é Kinross... de perto, quer dizer...

– Ele tem uma masculinidade feroz. Bonito de um jeito másculo. Ombros largos como os de um cavalo de lavoura, pernas musculosas. Gostaria de vê-lo de kilt. Será que ele vai usar kilt no casamento?

– Você acha que ele tem senso de humor?

E então Edie prendeu a respiração porque, na sua cabeça, essa era a característica mais importante de todas.

Ouvira a vida inteira que era bela, por isso entendia como tal atributo podia ser vazio de significado.

Silêncio.

– Ah, não – gemeu.

– Era uma ocasião muito formal – argumentou Layla. – Dificilmente eu poderia contar a piada do galês e esperar uma reação dele.

– Vou me casar com um escocês do tamanho de uma maldita árvore, sem senso de humor e com tendência a ser impulsivo.

Layla deu de ombros.

– Olhe a boca, pelo menos na presença dele, querida.

– Por quê?

– Ele me pareceu um tanto formal.

Edie grunhiu.

– Vou me casar com meu pai.

– Então seremos duas.

CONHEÇA OS LIVROS DE ELOISA JAMES

Quando a Bela domou a Fera

Um beijo à meia-noite

A duquesa feia

A torre do amor

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro, visite o nosso site. Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

